

**JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY  
JOURNAL ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1**



**DIVERSIDADE FLORÍSTICA E TRANSMISSÃO  
CULTURAL DO CONHECIMENTO  
ETNOBOTÂNICO EM QUINTAIS DE  
COMUNIDADES RURAIS NO MUNICÍPIO DE  
JANAÚBA, MINAS GERAIS, BRASIL**

**FLORISTIC DIVERSITY AND CULTURAL  
TRANSMISSION OF ETHNOBOTANICAL  
KNOWLEDGE IN BACKYARDS OF RURAL  
COMMUNITIES IN THE MUNICIPALITY OF  
JANAÚBA, MINAS GERAIS, BRAZIL**

**Wesley Alves SILVA**

**Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - BA**

**E-mail: wesleyalvebiologo@gmail.com**

**Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1111-5324>**

**Carlos Alberto Batista dos SANTOS**

**Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - BA**

**E-mail: cabsantos@uneb.br**

**Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2049-5237>**

**Wbaneide Martins de ANDRADE**

**Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - BA**

**E-mail: wandrade@uneb.br**

**Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0336-7620>**



## RESUMO

**Objetivo:** Descrever e analisar o conhecimento tradicional local de moradores que residem em três comunidades rurais no município de Janaúba, Minas Gerais no que se refere aos usos de plantas cultivadas em quintais, além de identificar e registrar a diversidade florística nesses ambientes. **Material e métodos:** Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, turnês guiadas e grupo focal junto aos informantes-chave, selecionados através da técnica bola de neve. Para investigar a relação entre variáveis socioeconômicas (idade, gênero, escolaridade e renda) e o uso e conhecimento de plantas foram utilizados Modelos Lineares Generalizados. Foi calculado o Valor de Uso (VU) das espécies botânicas citados pelos entrevistados e também o índice de diversidade de Shannon-Wiener. **Resultados e discussão:** Registrou-se 155 espécies pertencentes a 62 famílias botânicas, destacando-se as famílias Asteraceae, Fabaceae e Lamiaceae. O conhecimento etnobotânico sobre a riqueza de espécies e as variáveis socioeconômicas teve uma relação positiva estatisticamente com a comunidade, sexo e escolaridade. As espécies foram categorizadas em 7 tipos de uso, sendo as mais importantes alimentares e medicinais. Dentre as espécies com maior Valor de Uso para os entrevistados, destacaram-se acerola, goiaba, manga, pinha e laranja. Os índices de Shannon-Wiener indicaram uma diversidade alta nos quintais das comunidades estudadas. **Conclusão:** Os quintais em Janaúba/MG são de grande importância como campo de socialização rural, palco de cultivo de tradições culturais, produção de conhecimento popular da biodiversidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conhecimento tradicional. Agrobiodiversidade. Componentes estruturais. Semiárido Mineiro.

## ABSTRACT

**Objective:** To describe and analyze the traditional local knowledge of residents residing in three rural communities in the municipality of Janaúba, Minas Gerais, with regard to the uses of plants grown in backyards, in addition to identifying and recording the floristic diversity in these environments. **Material and methods:** Semi-structured interviews and guided tours and focus groups were carried out with key informants, selected through the snowball technique. To investigate the relationship between socioeconomic variables (age,

Wesley Alves SILVA; Carlos Alberto Batista dos SANTOS; Wbaneide Martins de ANDRADE. DIVERSIDADE FLORÍSTICA E TRANSMISSÃO CULTURAL DO CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO EM QUINTAIS DE COMUNIDADES RURAIS NO MUNICÍPIO DE JANAÚBA, MINAS GERAIS, BRASIL. *Facit Business and Technology Journal*. QUALIS B1. JANEIRO-FEVEREIRO-MARÇO/2023. Ed. 40. V. 01. Págs. 136-163. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br).

gender, education and income) and the use and knowledge of plants, Generalized Linear Models were used. The Use Value (VU) of the botanical species cited by the guests was calculated using the Shannon-Wiener diversity index. **Results and discussion:** 155 species belonging to 62 botanical families were recorded, with emphasis on the Asteraceae, Fabaceae and Lamiaceae families. Ethnobotanical knowledge about species richness and socioeconomic assessments had a statistically positive relationship with community, sex, and education. The species were categorized into 7 types of use, the most important being food and medicine. Among the species with the highest Use Value for preparations, acerola, guava, mango, sugar apple and orange stood out. Shannon-Wiener indices indicated high diversity in disciplined communities' backyards. **Conclusion:** Backyards in Janaúba/MG are of great importance as a field of rural socialization, stage for the cultivation of cultural traditions, production of popular knowledge of biodiversity.

**KEYWORDS:** Traditional knowledge. Agrobiodiversity. Structural components. Minas Gerais Semi-Arid.

## INTRODUÇÃO

Nos sistemas agrícolas os quintais são conhecidos por diferentes denominações em vários lugares e podem ser definidos como áreas de produção próximas a casas que cultivam espécies agrícolas e florestais e mantêm pequenos animais (CULTRERA et al., 2012). Em meio aos sistemas de organização desses empreendimentos espaciais está o modelo Quintal Agroflorestal (QAF), que se caracteriza por ser um Sistema de Agrofloresta (SAF) que representa áreas de práticas tradicionais de usos da terra desenvolvida por famílias que vivem em áreas rurais, periurbanas e urbanas (ALMEIDA; GAMA, 2014). Além do grande potencial de sustentabilidade ecológica, os quintais também são conhecidos como sistemas alternativos para suprir as necessidades alimentares locais (SOMARRIBA et al., 2015).

Uma variedade de plantas versáteis é cultivada nos quintais brasileiros, a exemplo dos usos para: construção, artesanato, combustível, plantas ornamentais, fibras, sombra, religião, rituais e na medicina (ALBUQUERQUE et al., 2005). Portanto, há implicações importantes para a sociedade e a manutenção desses conhecimentos populares sobre os quintais, dessa forma promovendo um diálogo integrador que poderá garantir a diversidade

da produção familiar, auxiliando na conservação da biodiversidade agrícola, na expressão cultural, nas áreas de lazer e nas interações sociais, como uma rica fonte geradora de conhecimentos tradicionais (DAS, DAS, 2015; ALMEIDA et al., 2014).

A relação entre o homem e a natureza é muito abstrusa, e alterna entre o dominar a natureza e protegê-la ao longo dos tempos. Além disso, existem diferentes olhares dessa relação de acordo com as distintas culturas e grupos étnicos/tradicionais. Com interesse em garantir a diversidade produtiva e valorizar a agricultura familiar, os estudos em quintais podem ser considerados verdadeiras ferramentas de entrada para projetos sustentáveis e planos de expansão rural. Além disso, os estudos etnobotânicos são importantes por permitirem avaliar como os habitantes reúnem os conhecimentos trazidos de seus locais de origem e como esses são passados para as próximas gerações (CAVALCANTE; SILVA, 2014), ou seja, contribuindo para o entendimento da dinâmica de transmissão cultural do conhecimento ecológico tradicional sobre os vegetais nas diferentes localidades.

Contudo, é evidente a relevância da pesquisa aplicada na etnobotânica, considerando que as plantas são importantes em diversos aspectos, incluindo seu papel na sobrevivência das famílias, no conhecimento sobre como são usadas e cultivadas e como são capazes de promover a sustentabilidade ambiental e a comercialização que evidencia o aspecto econômico nas comunidades (OLIVEIRA, 2013).

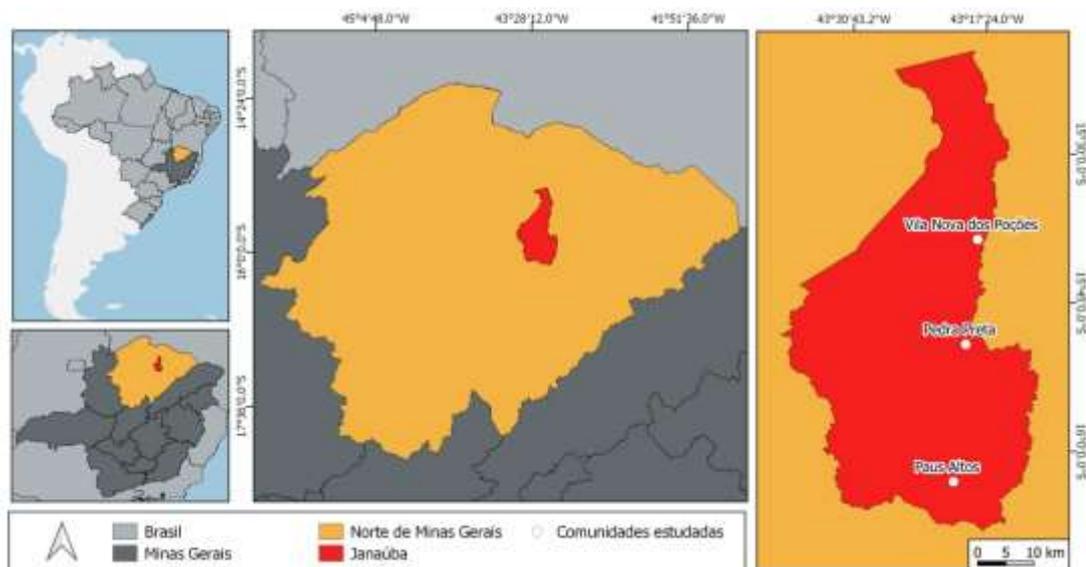
Com base nestes aspectos, o presente estudo objetivou descrever e analisar o conhecimento tradicional local de moradores que residem em comunidades rurais no município de Janaúba, Minas Gerais no que se refere aos usos de plantas cultivadas em quintais, além de identificar e registrar a diversidade florística nesses ambientes.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

### **Caracterização Das Comunidades Rurais No Semiárido Mineiro**

O estudo foi realizado em três comunidades denominadas: Paus Altos, Pedra Preta e Vila Nova dos Porções, todas localizadas na zona rural do município de Janaúba a 557 km de distância de Belo Horizonte, Minas Gerais (Figura 1).

**Figura 01** - Mapa de localização das comunidades rurais situadas no município de Janaúba, Minas Gerais, Brasil.



**Fonte:** Mapa elaborado por Isabela Botelho Cardoso, 2022.

O município de Janaúba é a 2ª maior cidade do Norte do Estado, com cerca de 2188,842 km<sup>2</sup>. Apresenta clima do tipo “Aw” (tropical com inverno seco), com temperatura média anual de 25°C e precipitação média de 648 mm, nos últimos dez anos (INMET, 2022). Fitofisionomicamente este município está inserido no domínio da Caatinga (SANTOS, 2012), que cobrem depressões interplanálticas semiáridas, além de uma diversidade de formações vegetais de difícil caracterização e composição florística complexa, que se alternam conforme as condições edafoclimáticas (BRANDÃO, 2000).

A comunidade de Pedra Preta possui cerca de 60 residências e está localizada entre as coordenadas, longitude 15.81984646°S e latitude 43.32553983°W, distante aproximadamente a 7km da sede municipal. A principal atividade produtiva é a criação de gado leiteiro e pequenas culturas de subsistência, para complementar a renda alguns moradores trabalham na zona urbana do município de Janaúba. A educação é realizada no município vizinho pelas Instituições de Ensino de Janaúba, a prefeitura do próprio município disponibiliza transporte para o traslado.

Já a comunidade de Vila Nova possui origem quilombola, a maior parte da população é constituída de lavradores. Essa comunidade detém cerca de 1100 residências e está localizada entre as coordenadas geográficas, longitude 15.643688°S e latitude 43.305568°W, distante cerca de 25km da sede municipal. Sua população e de

aproximadamente 3.187 habitantes, sendo 1.697 homens e 1.490 mulheres. Essa comunidade é carente e possui elevada taxa de desemprego e para complementar a renda familiar alguns moradores trabalham na zona urbana do município.

A terceira e última área denominada de Paus Atos, dista cerca de 35 km da sede do município e está localizada entre as coordenadas geográficas, longitude 16.05060188°S e latitude 43.34610726°W, com 31 domicílios e aproximadamente 111 moradores. Possui fácil acesso, uma vez que se estabelece às margens das rodovias BR-122 (liga a cidade de Chorozinho-CE a Montes Claros-MG). A comunidade não apresenta escolas para atender os moradores ao ensino educacional. Os moradores locais sobrevivem de suas aposentadorias, e basicamente, assim como pela forte cultura de cultivo de plantas em quintais pelos moradores locais. Aliado a isso, a criação de porcos, galinhas, bovinos e outros animais locais também é altamente desenvolvida por essa comunidade.

### **Questões Éticas**

O protocolo desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, sob CAAE 54240321.7.0000.0057, de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi obtido, individualmente, conforme proposto na Resolução 196/96, que normaliza a pesquisa em seres humanos. Um total de 20 residências foram entrevistadas, sendo estas divididas igualmente entre a comunidade Paus Altos, Pedra Preta e Vila Nova dos Porções. Foram incluídas na amostra pessoas com conhecimento popular sobre o uso dos recursos vegetais, moradores da comunidade, de ambos os gêneros (masculino e feminino) e acima de dezoito anos de idade, ou seja, foi realizada uma amostragem não-probabilística, na qual os informantes são escolhidos de forma intencional.

### **Metodologia de Amostragem e Coleta de Dados**

O levantamento dos dados etnobotânicos, nas três comunidades, foi realizado em três etapas distintas com a aplicação de diferentes técnicas, a saber: 1) entrevistas semiestruturadas, 2) turnês guiadas e 3) grupos focais. A técnica utilizada para amostragem e seleção dos participantes foi a "bola de neve" (GOODMAN, 1961) onde a partir de um

contato inicial, um "especialista local" entrevistado indica outro e assim sucessivamente. A coleta de dados foi realizada no período de janeiro a julho de 2022.

A primeira etapa foi a realização de entrevistas semiestruturadas, realizadas de forma individual com os moradores das três comunidades, com objetivo de levantar os aspectos socioeconômicos (idade, escolaridade, renda e gênero) dos entrevistados e coletar informações etnobotânica para melhor compreensão da diversidade florística e formas de usos das plantas contidas em seus quintais.

Na segunda etapa foram realizadas um total de 4 turnês guiadas por comunidades com o principal mantenedor do quintal, para complementação de informações, coleta e identificação das plantas (BERNARD,1988). Os espécimes coletados foram classificados de acordo com as formas de uso citadas pelos entrevistados, e foram categorizadas em 7 (sete) utilidades:1) alimentação humana, 2) medicinal; 3) ornamental; 4) forragem; 5) madeira; 6) místico-religiosa e 7) sombra, seguindo a bibliografia de Duque-Brasil et al. (2011). Para a indicação do hábito da planta (trepadeira, erva, arbustivo e arbóreo), foi consultado o banco de dados da Lista de Espécies da Flora do Brasil (2022) e quanto à sua origem biogeográfica foram divididas como nativas ou exóticas segundo a classificação adotada pelo site (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br>) do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (FORZZA et al., 2022) que congrega a lista de plantas brasileiras.

Na terceira etapa, foi utilizada a técnica de formação de grupos focais (MORGAN, 1997) nos encontros em cada comunidade, onde os informantes foram instigado a contribuir com informações de usos das plantas amostradas em seus quintais, as quais foram citadas pelos mesmos e registradas na forma de lista livre (WELLER; ROMNEY, 1988). Em seguida os espécimes botânicos foram fotografados, identificados por meio da comparação com exsicatas depositadas em herbários, consulta a especialistas e literatura especializada e incorporadas ao Herbário da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Para a identificação das espécies e famílias, utilizou-se o sistema do *Angiosperm Phylogeny Group IV* (APG IV, 2016). A nomenclatura das espécies e respectivas abreviações dos autores foi obtida segundo as informações disponíveis no site do Missouri Botanical Garden ([www.mobot.org](http://www.mobot.org)).

## Análises dos Dados

Os dados socioeconômicos levantados foram sistematizados em banco de dados no Programa Excel 2013, que subsidiaram a análise descritiva. Os efeitos das variáveis socioeconômicas (gênero, idade, escolaridade e renda) sobre a riqueza de espécies vegetais conhecidas pelos usuários foram testados usando modelos lineares generalizados (GLM) empregando distribuição de *Poisson* (MCCULLAGH; NELDER, 1989). Todas essas análises foram realizadas no ambiente R 3.6.1 (R DEVELOPMENT CORE TEAM, 2020), sendo considerados significantes os resultados ( $p < 0,05$ ).

A partir dos dados fornecidos pelos informantes, calculou-se o Valor de Uso para cada espécie, visando mensurar qual a importância de uma espécie em uma determinada comunidade de acordo com o número de pessoas que se utilizam da planta. O valor de uso foi calculado através da fórmula modificada por Rossato et al. (1999):  $VU = U_i/n$ , Onde: VU = valor de uso da espécie;  $U_i$  = número de citações de uso da espécie mencionada por cada informante; n = número total de informantes. Para comparar a diversidade do conhecimento etnobotânico das diferentes comunidades foi calculado o índice de Shannon-Wiener ( $H'$ ), proposto por Krebs (1989) e adaptado por Begossi (1996).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Os Informantes e Seus Saberes Sobre os Usos de Espécies Vegetais: Perfil Socioeconômico

Dos entrevistados 73% pertencem ao sexo feminino e 27% ao sexo masculino. No que tange ao estado civil, de modo predominante, os participantes são casados (65%). A faixa etária variou entre 21 a 75 anos, sendo que a pessoa mais jovem apresentou 18 anos e a mais idosa 75 anos. Os informantes idosos, com idade acima de 60 anos, foram responsáveis por 43,33% das citações e as jovens entre 18 e 30 anos foi a menos expressiva, sendo que nesta amostra estes contabilizaram com 18,33% das citações. Dessa forma, a transmissão e a preservação de conhecimentos tradicionais familiares são imprescindíveis para a manutenção da identidade cultural das comunidades rurais dos quintais desse estudo, por isso, as pesquisas que corroborem com a conservação do etnoconhecimento são fundamentais (SANTOS et al., 2018).

O presente estudo mostrou uma baixa escolaridade dos participantes, com 25% dos entrevistados apresentando ensino fundamental I incompleto, ensino fundamental I

completo (8,33%), ensino fundamental II incompleto (3,33%), ensino fundamental II completo (16,66%), ensino médio completo (25%), ensino superior completo (8,33%) e analfabetos (13,33). Situação similar foi evidenciada por Silva e Faria (2014) em que a maioria dos entrevistados também tinham pouca escolaridade. Porém, nota-se que moradores analfabetos e com ensino superior completo citaram um número expressivo de espécies, cerca de 20 a 38 espécies, em relação aos moradores das demais categorias que variou de 5 a 55 espécies. O baixo nível de escolaridade não influencia no conhecimento etnobotânico dos recursos vegetais, pois as tradições familiares e culturais geralmente são transmitidas de geração a geração (SOUZA et al., 2015). A baixa escolaridade se relaciona a realidade de muitas comunidades rurais onde a população em sua maioria, não possuiu oportunidade de acesso à educação básica ou as vezes precisa abandonar os estudos por motivos maiores, como à participação nos trabalhos agrícolas.

A ocupação dos participantes distribui-se em diferentes atividades: aposentados (33,33%), agricultores (26,66%), doméstica (21,66%), ajudante de serviços gerais (8,33%), balconista, cabelereira, copeira, costureira, professora e salgadeira (1,66%) cada. Analisando a renda familiar, 48,33% dos entrevistados sobrevivem ganhando até um salário mínimo por mês e outros 41,66% recebem 2 salários mínimos mensal. Dentre os que recebem 03 salários mínimos estão os restantes 3,33% dos entrevistados tais como: enfermeira, funcionário público e agrônomo. Além disso, destaca-se que apenas 4 entrevistados não possuem renda por ocupação e recebem auxílio do governo federal como bolsa família.

Quando questionados sobre os conhecimentos sobre o uso das plantas, grande parte dos entrevistados citaram que aprenderam com pais (83,33%), parentes próximos (8,33%), vizinhos (6,66%) e apenas 1,66% relataram aprenderem com rezadeiras. Pode-se notar que a principal fonte de conhecimento é proveniente da família, o que resulta na prevalência do modelo de transmissão vertical proposto por Cavalli-Sforza e Feldman (1981), descreve que a transmissão do conhecimento e de pais à sua progênie, sendo uma transmissão dentro da mesma genealogia. Assim sendo, o conhecimento popular pode vim de muitas vias, principalmente a partir da experiência diária, de forma majoritariamente intergeracional, desde a infância (RANIERI; ZANIRATO, 2018).

A principal forma de aquisição dos recursos vegetais para usos nas três comunidades, se deu por meio de seus próprios quintais com 71,66%, seguindo de quintais

dos vizinhos (21,66%), compras em feiras livres locais (5%) e aquisição em ambiente aberto (1,66%) como mata ou terreno baldio. Duque-Brasil et al. (2007) em pesquisa no Semiárido de Minas Gerais registraram que além da importância dos quintais na autonomia produtiva familiar, fornecendo frutos, raízes, forragem e plantas medicinais, também foram reconhecidos como locais destinados à conservação de recursos vegetais e da natureza. Com o objetivo de identificar os cuidados pelos quais os moradores mantêm os quintais conservados, a maioria faz uso de práticas agroecológicas simples como: capinas diárias, irrigação manual e adubação orgânica. Ao estudar os aspectos estruturais dos quintais, pode-se observar que estes espaços estão localizados em sua maioria na frente (48,33%) dos terrenos, seguido de ao lado (26,66%) e nos fundos (25%). É interessante colocar o que se produz primeiro e depois como é consumido. A maior parte da produção do quintal é consumida pelas famílias como foi verificada in loco durante relatados na entrevista, principalmente hortaliças e frutas, assim como os animais criados nesse sistema de manejo, essa prática pode possibilitar bastante o impacto na economia das despesas mensal familiar. Os quintais são muito mais que uma mera porção de terreno, são espaços sociais e culturais, no qual as famílias mantêm uma grande diversidade de plantas, fazendo uso delas de forma sustentável e garantindo assim a sua conservação (MAIA; SOBRINHO, 2019).

Fatores históricos, culturais e ecológicos podem ser prognosticadores de fatores socioeconômicos para explicar a importância das plantas culturalmente cultivadas em quintais. No conjunto de dados das 3 comunidades estudadas, o modelo de regressão linear múltipla - GLM sugeriram que a conhecimento etnobotânico sobre a riqueza de espécies teve uma relação positiva estatisticamente com as comunidades ( $X^2 = 54,472$ ;  $p < 0,001$ ) que foram explicadas pelas variáveis sexo ( $X^2 = 7,501$ ;  $p < 0,001$ ) e escolaridade ( $X^2 = 7,370$ ,  $p < 0,001$ ) (Tabela 01).

**Tabela 01:** Influência de variáveis socioeconômicas no número de espécies em quintais das comunidades rurais Paus Altos, Pedra Preta e Vila Nova dos Porções, no município de Janaúba, Minas Gerais, Brasil. Os conjuntos de dados foram analisados usando Modelo Linear Generalizado (GLM) com distribuição de erros de Poisson, onde \* indica a variável que não teve relação significativa.

Variável	X <sup>2</sup>	Df	p-valor
Comunidade	54.472	2	< 0.001
Sexo	7.501	1	< 0.001
Idade*	0.01	1	0.921
Escolaridade	7.37	1	< 0.001
Renda*	3.395	3	0.334

**Fonte:** Elaborada pelos autores, 2022.

Os resultados da pesquisa apontam que as mulheres foram detentoras de um maior conhecimento etnobotânico com 740 citações (73,33%) em relação aos homens 269 (26,66%). Não é surpresa que as mulheres entrevistadas tenham um conhecimento um pouco maior em relação aos homens, quanto à identificação dos vegetais, essa dominância pode ser explicada pelo fato da mulher, culturalmente, realizar os cuidados no âmbito familiar (BADKE et al., 2011) e somado a responsabilidade pela manutenção do quintal. Lunelli (2014) constata que homens e mulheres possuem conhecimentos diferentes: As mulheres conhecem mais plantas exóticas porque suas atividades cotidianas, relacionadas ao cuidado da família, são desenvolvidas em ambientes que as deixam mais próximas a residência, onde entram em maior contato com roças e quintais, enquanto os homens conhecem mais espécies nativas devido ao seu envolvimento em atividades que proporcionam uma maior proximidade aos ambientes de florestas naturais da região.

Ainda nesse escopo, o grau de escolaridade se configurou como uma variável explicativa no conhecimento e usos sobre os recursos vegetais entre as comunidades localizadas no Semiárido Mineiro. Percebe-se um paradoxo, que quanto maior o grau de estudo maior o conhecimento etnobotânico nas três comunidades. Entretanto, estes indivíduos representam amostra muito pequena das comunidades pesquisadas, essa tendência dos dados pode ser explicada por uma diminuição da exposição direta da utilização dos recursos vegetais, devido à medida que aumenta o número de anos de estudo e o contato com o meio urbano. As demais características socioeconômicas analisadas (idade e renda) não apresentaram diferenças significativas em relação ao conhecimento etnobotânico das espécies conhecidas ( $p > 0,05$ ).

## Uso de Espécies Vegetais nos Quintais Rurais e as Estratégias de Manutenção Ambiental Desenvolvidas Nesses Espaços

As coletas nas turnês guiadas permitiram identificar 155 espécies ou etnomorfoespécies, distribuídas em 62 famílias botânicas (tabela 02). A riqueza de espécies citadas nos quintais variou por comunidade, com destaque na comunidade Paus Altos registram-se 128 espécies, Vila Nova do Porções apresentou 107 espécies e por fim, na comunidade Pedra da Preta com 65 espécies. Entre essas famílias, as que tiveram maior representatividade foram: Asteraceae, Fabaceae e Lamiaceae (9 espécies cada), Aracaceae e Euphorbiaceae (6 espécies cada), Anacardiaceae, Cactaceae, Cucurbitaceae, Myrtaceae e Rutaceae (5 espécies cada), e Apocynaceae, Asparagaceae, Bignoniaceae, Malvaceae, Poaceae, Rubiaceae e Solanaceae (4 espécies cada). Juntas, estas representaram 59,97% do total de espécies citadas pelos informantes.

Este resultado mostrou alto nível de riqueza de espécies em comparação com outros estudos realizados em quintais na Região do Semiárido Mineiro: Duque-brasil et al. (2011) com 88 espécies, Lima et al. (2012), 48 espécies e Pereira et al. (2017) com 133 espécies. As famílias mais ricas encontradas nesse estudo foram também bem representadas em outros estudos etnobotânicos feitos em quintais (LARIOS et al., 2013; SOUSA et al., 2014; DAS; DAS, 2015; PEREIRA et al., 2016; BARRETO; SPANHOLI, 2019). Uma possível razão para a prevalência dessas famílias é que elas possuem muitas espécies úteis em diferentes classes de uso, que são frequentemente mencionadas pelas populações locais (PEREIRA et al., 2016).

**TABELA 02:** Lista das famílias e espécies cultivadas em quintais das comunidades rurais Paus Altos, Pedra Preta e Vila Nova dos Porções, no município de Janaúba, Minas Gerais, Brasil. Convenções: NV = nome vulgar; H = Hábito (trep = trepadeira, ver= erva, arb = arbustivo e arb = arbóreo; St = Status (e = exótica, n = nativa); CU = Categorias de uso (ali= alimentação humana, med = medicinal; orn = ornamental; for = forragem; 5- mad = madeireira; 6- Míst = místico-religiosa e 7- somb = sombra); VU= Valor de Uso.

Famílias/ Espécies	NV	H	St	CU	VU
<b>AMARANTHACEAE</b>					
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Erv	N	Med	0,12
<b>AMARYLLIDACEAE</b>					
<i>Allium cepa</i> L.	Cebola	Erv	E	Ali	0,02
<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	Erv	E	Ali	0,17
<i>Scadoxus multiflorus</i> (Martyn) Raf.	Coroa Imperial	Arb	E	Orn	0,02
<b>ANACARDIACEAE</b>					

<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	Arv	N	Med/Ali/Mad/Somb	0,17
<i>Spondias bahiensis</i> P. Carvalho, Van den Berg & M. Machado	Umbu-cajá	Arb	N	Ali	0,02
<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá	Arb	N	Ali	0,22
<i>Spondias purpurea</i> L.	Seriguela	Arb	N	Ali	0,25
<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	Umbu	Arb	N	Ali	0,30
<b>ANNONACEAE</b>					
<i>Annona × atemoya</i>	Atemóia	Arv	E	Ali	0,02
<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	Arv	E	Ali	0,05
<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha	Arv	E	Ali	0,30
<b>APIACEAE</b>					
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	Erv	E	Ali	0,07
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erv-doce	Erv	E	Med	0,02
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsa	Arb	E	Ali	0,03
<b>APOCYNACEAE</b>					
<i>Adenium obesum</i> (Forssk.) Roem. & Schult.	Rosa-do-deserto	Erv	E	Orn	0,15
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don	Boa-noite	Erv	E	Orn	0,10
<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira	Arv	E	Orn	0,10
<i>Thevetia peruviana</i> (Pers.) K.Schum.	Balancinha ou Chapéu de Napoleão	Arb	N	Orn	0,05
<b>ARACACEAE</b>					
<i>Cocos nucifera</i> L.	Cocos ou coqueiro	Arv	N	Med/Ali/Mad/Orn/Somb	0,28
<i>Colocasia gigantea</i> (Blume) Hook.f.	Orelha-de-elefante	Erv	E	Orn	0,05
<i>Dieffenbachia picta</i> Schott	Comigo-ninguém-pode	Erv	N	Orn/Míst	0,18
<i>Dypsis lutescens</i> (H. Wendl.) Beentje & J. Dransf.	Árvore-de-jardim	Arv	E	Orn	0,03
<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.	Jibóia	Erv	E	Orn	0,03
<i>Rhapis excelsa</i> (Thunb.) Henry	Arbóreo-ráfis	Arb	E	Orn	0,02
<b>ASPARAGACEAE</b>					
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Babosa	Erv	E	Med	0,17
<i>Beaucarnea recurvata</i> Lem.	Pata-de-elefante	Arb	E	Orn	0,02
<i>Cordyline terminalis</i> (L.) Kunth	Dracena-vermelha	Arb	E	Orn	0,02
<i>Dracaena trifasciata</i> (Prain) Mabb.	Espada de São Jorge	Erv	E	Orn/Míst	0,17
<b>ASTERACEAE</b>					
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Mentrasito	Erv	N	Med	0,02
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	Erv	E	Med	0,02
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão-preto	Erv	E	Med	0,07
<i>Calendula officinalis</i> L.	Calêndula	Erv	E	Med/Orn	0,05

<i>Dahlia</i> ssp.	Dália	Erv	E	Orn	0,02
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	Erv	E	Ali	0,03
<i>Vernonia polyanthes</i> (Spreng.) Less.	Assa-peixe	Arb	N	Med	0,02
<i>Zantedeschia aethiopica</i> (L.) Spreng.	Copo-de-leite	Arb	E	Orn	0,02
<i>Zinnia</i> ssp.	Zinia ou Japodi	Arb	E	Orn	0,03
<b>BALSAMINACEAE</b>					
<i>Impatiens walleriana</i> Hook.f.	Beijo ou Beijinho	Erv	E	Orn	0,07
<b>BIGNONIACEAE</b>					
<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos	Ipê-amarelo	Arv	N	Med/Mad/Orn / Somb	0,02
<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	Ipê-rosa	Arv	N	Med/Mad/Orn / Somb	0,02
<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Ipê-roxo	Arv	N	Med/Mad/Orn / Somb	0,02
<i>Tabebuia roseoalba</i> (Ridl.) Sandwith	Ipê-branco	Arb	N	Med/Mad/Orn / Somb	0,02
<b>BIXACEAE</b>					
<i>Bixa orellana</i> L.	Corante/Urucum	Arb	N	Ali	0,15
<b>BRASSICACEAE</b>					
<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	Erv	E	Ali	0,03
<b>BROMELIACEAE</b>					
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	Erv	N	Med/Ali	0,03
Bromeliaceae Juss.	Bromélia	Erv	E	Orn	0,05
<b>CACTACEAE</b>					
<i>Acanthocereus tetragonus</i> (L.) Hummelinck	Cacto ou cacto de castelo de fada	Erv	N	Orn	0,03
<i>Cereus jamacaru</i> DC	Mandacaru	Arv	N	Med/For	0,02
<i>Hylocereus undatus</i> (Haw.) Britton & Rose	Pitaia	Tre p	E	Ali	
<i>Opuntia ficus-indica</i> (L.) Mill.	Palma	Arb	N	For	0,07
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Ora-pro-nóbis	Tre p	N	Med	0,03
<b>CANNACEAE</b>					
<i>Canna indica</i> L.	Bananeirinha	Erv	N	Orn	0,07
<b>CARICACEAE</b>					
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	Arv	E	Ali	0,15
<b>CARYOPHYLLACEAE</b>					
<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Craveiro	Erv	E	Orn	0,03
<i>Gypsophila paniculata</i> L.	Véu de Noiva	Erv	E	Orn	0,02
<b>CHRYSOBALANACEAE</b>					

<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Oiti	Arv	N	Orn/Somb	0,07
<b>COMMELINACEAE</b>					
<i>Callisia repens</i> (Jacq.) L.	Dinheiro-em-penca	Erv	N	Orn	0,02
<b>CONVOLVULACEAE</b>					
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Batata-doce	Erv	E	Ali	0,05
<b>COSTACEAE</b>					
<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	Cana-de-macaco ou brejo	Erv	N	Orn	0,02
<b>CRASSULACEAE</b>					
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Larrañaga	Saião	Erv	E	Med	0,05
<b>CUCURBITACEAE</b>					
<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Melância	Erv	E	Ali	0,03
<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe	Trep	N	Ali	0,03
<i>Cucurbita pepo</i> L.	Abóbora	Trep	N	Ali	0,10
<i>Luffa aegyptiaca</i> Mill.	Bucha	Trep	E	Med	0,02
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	Trep	E	Ali	0,03
<b>CYPERACEAE</b>					
<i>Cyperus alternifolius</i> L.	Sombrinha	Erv	E	Orn	0,02
<b>EUPHORBIACEAE</b>					
<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A.Juss.	Crotón	Arb	E	Orn	0,07
<i>Euphorbia milii</i> Des Moul.	Coroa de Cristo	Arb	E	Orn	0,03
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Pecado Pelado ou Pau Pelado	Erv	E	Orn	0,02
<i>Jatropha curcas</i> L.	Pinhão-manso	Arv	N	Míst	0,05
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	Arb	N	Ali	0,08
<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	Arb	E	Míst	0,03
<b>FABACEAE</b>					
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Angico	Arv	N	Med/Mad	0,02
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Feijão-andu	Trep	E	Ali/For	0,05
<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	Flamboyant	Arv	E	Mad/Orn/Somb	0,08
<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit	Leucena	Arv	N	Mad/Somb	0,03
<i>Senna occidentalis</i> L.	Fedegoso	Arb	N	Med	0,03
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Arb	E	Ali	0,05
<i>Trifolium repens</i> L.	Trevo	Arb	E	Míst	0,05
<i>Vicia faba</i> L.	Fava	Trep	E	Ali	0,03
<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Feijão	Arb	E	Ali/For	0,10

<b>LAMIACEAE</b>					
<i>Clerodendrum thomsoniae</i> Balf.	Lágrima de Cristo	Arb	E	Orn	0,02
<i>Mentha arvensis</i> L.	Vick	Erv	N	Med	0,02
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	Erv	E	Med	0,07
<i>Mentha x villosa</i> Huds	Hortelã	Erv	E	Med	0,18
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Manjeriço	Arb	E	Med/Ali	0,08
<i>Origanum vulgare</i> L.	Orégano	Arb	E	Med/Ali	0,02
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Sete-dores ou boldo-da-terra	Arb	E	Med	0,15
<i>Plectranthus scutellarioides</i> (L.) R.Br.	Coração Magoado	Arb	E	Orn	0,10
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Arb	E	Med	0,13
<b>Lauraceae</b>					
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	Arb	E	Med/Ali	0,12
<b>Lilicaceae</b>					
<i>Lilium candidum</i> L.	Lírio	Erv	E	Orn	0,07
<b>Lythraceae</b>					
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Arb	E	Med	0,23
<b>Malpighiaceae</b>					
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	Arv	E	Med/Ali	0,47
<b>Malvaceae</b>					
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	Quiabo	Arb	E	Ali	0,12
<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	Barriguda	Arv	N	Somb	0,02
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Algodão	Arb	N	Med	0,03
<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacau	Arb	E	Med	0,02
<b>Meliaceae</b>					
<i>Azadirachta indica</i> A.Juss.	Ninho	Arb	E	Mad/Med	0,10
<i>Swietenia macrophylla</i> King	Mogno	Arb	N	Mad/Somb	0,02
<b>Moraceae</b>					
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca	Arv	E	Ali	0,03
<i>Ficus carica</i> L.	Figo	Arv	E	Ali	0,02
<i>Morus alba</i> L.	Amora	Arb	E	Med/Ali	0,12
<b>Moringaceae</b>					
<i>Moringa oleifera</i> Lam.	Moringa	Arv	E	Med	0,03
<b>Musaceae</b>					
<i>Musa paradisiaca</i> L.	Banana	Erv	E	Ali	0,05
<b>Myrtaceae</b>					
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Arb	N	Ali	0,03
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	Arv	E	Ali	0,43
<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg.	Jabuticaba	Arv	N	Ali	0,03
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	Arb	E	Ali	0,45
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. &	Cravinho	Arb	E	Med	0,03

L.M.Perry					
<b>NYCTAGINACEAE</b>					
<i>Bougainvillea glabra</i> Choisy	Bougainvillea	Arv	N	Orn	0,03
<b>OLEACEAE</b>					0,00
<i>Jasminum</i> ssp.	Jasmim	Arb	E	Orn	0,02
<b>OXALIDACEAE</b>					
<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	Arv	E	Ali	0,02
<b>PASSIFLORACEAE</b>					
<i>Passiflora edulis</i> Sims.	Maracujá	Tre p	E	Med/Ali	0,12
<b>PEDALIACEAE</b>					
<i>Sesamum indicum</i> L.	Gergelim	Arb	E	Med	0,02
<b>PHYLLANTHACEAE</b>					
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	Arb	N	Med	0,05
<b>PHYTOLACCACEAE</b>					
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	Arb	E	Med	0,02
<b>PINACEAE</b>					
<i>Pinus</i> ssp.	Pinheiro	Arb	E	Orn	0,03
<b>PIPERACEAE</b>					
<i>Piper aduncum</i> L.	Pimenta-do-reino	Arb	N	Med	0,02
<b>PLANTAGINACEAE</b>					
<i>Plantago major</i> L.	Transagem	Arb	E	Med	0,13
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	Arb	N	Med	0,02
<b>POACEAE</b>					
Bambusoideae	Bambu	Erv	N	Mad	0,02
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Staph	Capim-santo	Erv	E	Med	0,23
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	Arb	E	Orn	0,18
<i>Zea mays</i> L.	Milho	Arb	E	Ali	0,12
<b>POLYPODIACEAE</b>					
<i>Phymatodes scolopendria</i> (Burm. F.) Ching	Samambaia	Arb	E	Orn	0,12
<i>Platyserium bifurcatum</i> (Cav.) C.Chr.	Chifre-de-veado	Arb	E	Orn	0,02
<b>PORTULACACEAE</b>					
<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	Onze-horas	Arb	N	Orn	0,13
<i>Portulaca oleracea</i> L.	Beldroega-pequena	Arb	E	Orn	0,03
<b>ROSACEAE</b>					
<i>Pyrus communis</i> L.	Pera	Arb	E	Ali	0,05
<i>Rosa x grandiflora</i> Hort.	Roseira	Arb	E	Orn	0,10
<i>Spiraea cantoniensis</i> Lour.	Buquê de noiva	Arb	E	Orn	0,02
<b>RUBIACEAE</b>					
<i>Coffea</i> spp.	Café	Arb	E	Med	0,02

<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	Arv	N	Med	0,02
<i>Ixora coccinea</i> L.	Ixória	Arb	E	Orn	0,03
<i>Morinda citrifolia</i> L.	None	Arv	E	Ali	0,02
<b>RUTACEAE</b>					
<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja	Arv	E	Med/Ali	0,32
<i>Citrus latifolia</i> Tanaka	Limão	Arv	E	Med/Ali	0,20
<i>Citrus limonia</i> Osbeck	Limão-capeta	Arv	E	Med/Ali	0,07
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Tangerina	Arv	E	Ali	0,15
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Arb	E	Med/Míst	0,03
<b>SAPINDACEAE</b>					
<i>Blighia sapida</i> K.D.Koenig	Akee	Arv	E	Ali/ Orn	0,02
<i>Litchi chinensis</i> Sonn.	Lichia	Arv	E	Ali	0,02
<i>Talisia esculenta</i> (Cambess.) Radlk.	Pitomba	Arb	N	Ali	0,03
<b>SOLANACEAE</b>					
<i>Capsicum annuum</i> L.	Pimentão	Arb	E	Ali	0,02
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta-malagueta	Arb	E	Med/Ali/Míst	0,10
<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	Tomate	Erv	E	Ali	0,07
<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Tomate-cereja	Arb	E	Ali	0,02
<b>THEACEAE</b>					
<i>Camellia sinensis</i> (L.) Kuntze	Chá-da-índia	Arb	E	Med	0,13
<b>URTICACEAE</b>					
<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Brilhantina	Arb	E	Orn	0,02
<b>VERBENACEAE</b>					
<i>Duranta repens</i> L.	Pingo-de-ouro	Arb	E	Orn	0,03
<i>Lantana camara</i> L.	Camará	Arb	E	Med/Ali/Mad/Somb	0,05
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson	Ervacidreira	Erv	E	Med	0,08
<b>VITACEAE</b>					
<i>Vitis vinifera</i> L.	Uva	Trep	E	Ali	0,08
<b>ZINGIBERACEAE</b>					
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	Arb	E	Med	0,02

Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

Acerca da origem das espécies, houve predominância das exóticas (70,70%) em detrimento das nativas (29,29%), refletindo um distanciamento da população em relação à flora nativa. Conforme Pereira (2016) o registro de espécies exóticas pode ser justificado pela facilidade de propagação dessas espécies, além da falta de informação da população quanto ao uso e importância de espécies nativas ou pela impossibilidade de obtenção de

mudas dessas espécies pelas comunidades. Por outro lado, pelo olhar da conservação, a preferência pelo uso de plantas exóticas é considerada negativa, pelo risco de invasão biológica (POORTER; ZILLER, 2004). É importante sinalizar as comunidades sobre os usos de espécies exóticas na natureza, uma vez que, poderá afetar o fornecimento de serviços ambientais, a saúde, a economia, bem como a conservação do patrimônio genético, natural e cultura das comunidades.

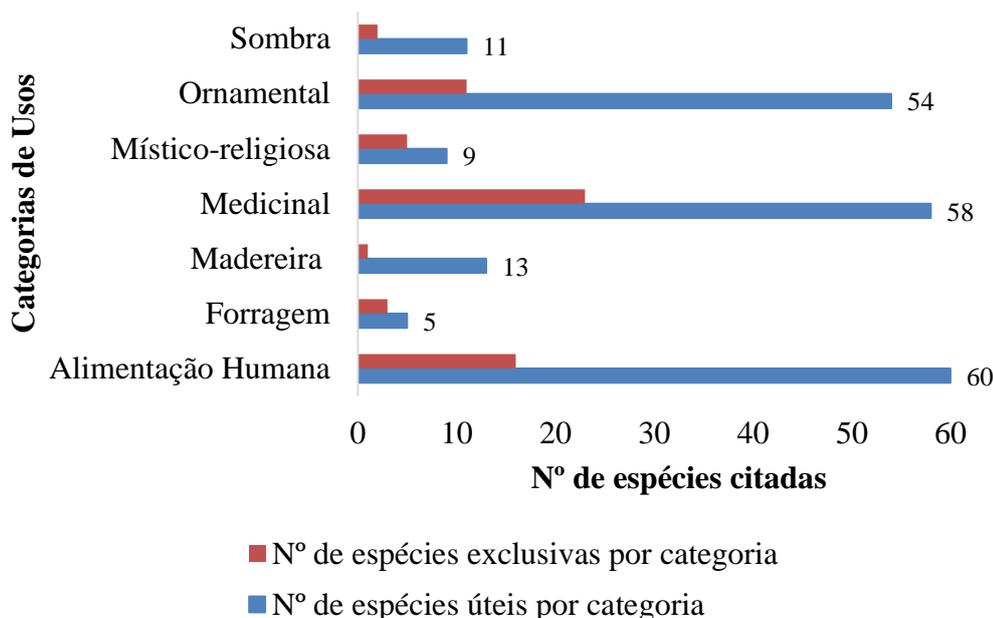
A análise quanto ao hábito mostrou que os arbustos destacaram-se como importante fonte de recurso vegetal devido ao alto número de espécies com esse desenvolvimento (65 spp.), representando cerca de 41,40% dos hábitos vegetais verificados em campo, em seguida vieram as ervas (28,66%), os arbóreos (23,56%) e, em menor proporção, as trepadeiras (6,36%). A combinação de hábitos das espécies vegetais e da cultura local, demonstra neste estudo uma diversidade vegetal introduzida para as diversas finalidades de uso do espaço para facilitar o dia a dia dos moradores. Em seu estudo em uma área de Caatinga, Albuquerque e Andrade (2002) constataram que os arbustos e árvores eram as principais fontes de recursos vegetais, tendo as ervas em uma menor proporção. Essa biodiversidade de hábitos, gera interações ecológicas e cooperação entre os seus componentes, gerando em si, fertilidade do solo, produtividade e proteção de culturas (ALTIERI, 1987).

A categoria de uso em que se registrou o maior número de espécies foi a alimentar 28,58 % (60 spp.), medicinal 27,61% (58 spp.), ornamental 25,71% (54 spp.), madeireira 6,19% (13 spp.), produção de sombra 5,23% (11 spp.), místico-religiosa 4,28% (9 spp.) e forragem 2,38% (5 spp.) (Figura 02). Com base nesses dados fica evidente a importância que os informantes atribuem à flora, principalmente com as plantas alimentares e medicinais no seu cotidiano. A teoria da ecologia clássica de forrageamento ótimo (BEGOSSI, 1993) explica a utilização destes recursos vegetais, onde de acordo com essa teoria a obtenção de recursos alimentares seria determinada pela facilidade de obtenção para satisfazer as necessidades energéticas de um indivíduo, ou de seu custo-benefício.

Contudo, vale ressaltar que, dentre as espécies investigadas 79,48% (124 spp.) estão enquadradas em apenas uma categoria de uso, 7,69% (12 spp.) em duas, 8,33% (13 spp.) ocorre em três e 4,48% ocorre em quatro ou cinco categorias. É o caso neste trabalho, das espécies *Cocos nucifera* L. (cocos ou coqueiro), *Anacardium occidentale* L. (caju), *Lantana camara* L. (camará), *Handroanthus albus* (Cham.) Mattos (ipê-amarelo),

*Handroanthus heptaphyllus* (Vell.) Mattos (ipê-rosa), *Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos (ipê-roxo), *Tabebuia roseoalba* (Ridl.) Sandwith (ipê-branco) que servem para alimentação humana, madeireira, medicinal, ornamental e sombra (Tabela 01, Figura 02). Dessa forma, percebe-se que existem espécies com uma multiplicidade de usos, incidindo uma maximização do recurso disponível.

**Figura 02:** Número de espécies úteis por categoria e espécies exclusivas por categoria de uso em quintais das comunidades rurais Paus Altos, Pedra Preta e Vila Nova dos Porções, no município de Janaúba, Minas Gerais, Brasil.



**Fonte:** Elaborada pelos autores, 2022.

A categoria alimentar foi a primeira em número de espécies, cujas famílias botânicas de maior destaque em número de espécies foram: Anacardiaceae (6), Cucurbitaceae /Fabaceae /Myrtaceae /Rutaceae (4). Das 28,58% das espécies alimentícias, 14 são nativas, entre as quais estão as frutíferas: caju (*Anacardium occidentale* L.), cajá (*Spondias mombin* L.), umbu (*Spondias tuberosa* Arruda) e umbu-cajá (*Spondias bahiensis* P. Carvalho, Van den Berg & M. Machado), que são aproveitadas pelas comunidades para a produção de polpas, sendo assim, atender ao hábito que a maioria das pessoas tem de consumir sucos de frutas naturais em qualquer época do ano sem depender da sazonalidade. Phillips e Gentry (1993) aplicando a hipótese da “Aparência Ecológica” em um estudo etnobotânico, prediz que as plantas predominantes, ou seja, a mais acessível apresenta uma probabilidade maior de ser aprendida culturalmente, sendo assim, as mais

facilmente observadas seriam as mais comumente coletadas e usadas pelas pessoas de uma determinada comunidade.

As espécies medicinais ocuparam a segunda colocação, em relação às aplicações de usos locais. Esse resultado sugere que, devido ao alto número de citações (108), essas plantas constituem um forte elemento na cultura local e atende ao tratamento de enfermidades mais comuns relatadas, a exemplo: pressão arterial, diarreias, problemas cardíacos, gripe e dores na coluna. Desta forma, ressalta-se que as famílias Lamiaceae (8 espécies), Asteraceae (5), Bignoniaceae e Rutaceae (4), com o maior número de espécies referidas para essa categoria. Em estudo bibliográfico de Silva et al., (2012) sobre levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de São João da Ponte no Norte de Minas Gerais, as famílias que se destacaram em maior número de espécies foram Lamiaceae (9 espécies) e Asteraceae (6 espécies). A família Lamiaceae caracteriza-se quimicamente, em especial, pela presença de óleos essenciais, triterpenóides e iridóides, já a Asteraceae, pelos óleos essenciais, poliacetilenos e lactonas sesquiterpênicas (CRONQUIST, 1981).

Percebe-se que existe uma boa aceitação de uso na frequência de ervas (27,61%), para finalidades medicinais nas comunidades, tais como: babosa (*Aloe vera* (L.) Burm.f.), hortelã (*Mentha x villosa* Huds), mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.), poejo (*Mentha pulegium* L.), saião (*Kalanchoe brasiliensis* Larrañaga) e sete-dores ou boldo-da-terra (*Plectranthus barbatus* Andrews). A grande representação das ervas nesta pesquisa pode observada em outros estudos semelhantes desenvolvidos por Carniello et al. (2010) e Chaves e Zanin (2012). A diversidade de usos registradas para as plantas medicinais refletem as crenças, costumes e laços familiares, disseminando a medicina popular, utilizando o conhecimento tradicional como patrimônio relevante da comunidade e da cultura, e por meio da tradição oral, a informação é gerada para a sociedade e repassada de geração em geração (LISBOA, 2017).

Os quintais amostrados também são enfeitados por diversas plantas ornamentais, das plantas identificadas nesta pesquisa, 12,96% foram também classificadas como de uso medicinal e na produção de sombra, 9,25% madeireira, 3,70% como plantas místico-religiosa e alimentar cada. Durante essa pesquisa os entrevistados das comunidades refeririam as plantas ornamentais como “plantas de enfeites”, com intuito de embelezar o ambiente. Em relação a forma como as plantas ornamentais são cultivadas, o predomínio

do plantio é feito em canteiros suspensos ou até mesmo em recipientes recicláveis, práticas estas relatados por Florentino et al. (2007), Duque-Brasil et al. (2011), Novais et al. (2011) e Mamede et al. (2015).

Grande parte das espécies encontradas nos quintais são utilizadas como fornecedoras de sombra proporcionando um ambiente agradável para atividades de lazer e convivência para as famílias. Das espécies registradas 10 são nativas e somente 1 foi citada de forma exclusiva para essa categoria, que foi a barriguda (*Ceiba speciosa* (A.St.-Hil.) Ravenna). De acordo com os depoimentos dos moradores, nenhuma das plantas utilizadas para a exploração madeireira é comercializada atualmente, a maioria das espécies eram usadas no passado e coletadas na dentro das matas nativas. Atualmente várias dessas espécies nativas, dentre elas: angico (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan), leucena (*Leucaena leucocephala* (Lam.) de Wit) e mogno (*Swietenia macrophylla* King) tem seu produto madeireiro sofrendo extrativismo para diversos fins, como o uso em construções rurais e/ou domésticas, produção de lenha e carvão para gerar energia, dentre outras utilidades.

Segundo Morin (2006) condições reais podem surgir de crenças religiosas ou mitológicas, resultantes de ideias transmitidas entre as gerações e que repercutem nas atividades humanas. Mesmo que de forma intuitiva, as plantas, além de ornamentar, transmitem ao ambiente e às pessoas boas energias e ótimas vibrações no equilíbrio emocional. As plantas mística-religiosa, também chamadas de ‘plantas de força’ ou ‘plantas de poder’, são utilizadas para benzimentos e banhos de cheiros, nesse contexto a espécie pinhão-manso (*Jatropha curcas* L.) foi referida com finalidade de afastar más intenções, ‘olho gordo’ e inveja que podem ser trazidos por pessoas que chegam na residência, é plantada ao lado esquerdo da entrada de casas e de portões. Já a arruda (*Ruta graveolens* L.), por exemplo, é utilizada na limpeza e purificação dos ambientes trazendo proteção para o local. Além disso, os entrevistados relataram que guarda na carteira ou na bolsa um galhinho de arruda para render o dinheiro. Outra espécie é a mamona (*Ricinus communis* L.), usada na forma de banho para expulsar mau-olhado que provavelmente vem de trabalhos envolvendo magia negra.

Na categoria de uso forrageira a palma (*Opuntia ficus-indica* (L.) Mill.) foi aludida como ótima para base da alimentação dos ruminantes em períodos de escassez de seca alimentar. Essa espécie é amplamente incorporada aos processos produtivos no semiárido

brasileiro, pela alta eficiência no uso da água, potencial de crescimento e produtividade de biomassa (RAMOS, 2012). Os dados encontrados nessas comunidades revelam que a multiplicidade de usos está representada por três espécies: Feijão (*Vigna unguiculata* (L.) Walp.) e feijão-andu (*Cajanus cajan* (L.) Huth), utilizados no preparo de uma farofa tradicional e excelente fixador de nitrogênio no solo e assim deixar mais saudável as suas plantações e o mandacaru (*Cereus jamacaru* DC) que é aproveitada para fins fitoterápico, onde é capaz de tratar problemas renais um alimento forrageiro estratégico utilizado em épocas de crise de oferta alimentar aos rebanhos.

Nas 3 comunidades as espécies identificadas apresentaram Valor de Uso (VU) variando entre 0,02 e 0,47. Sobre o VU das espécies destacaram-se: *Malpighia glabra* L. (acerola), com 0,47, seguido de *Psidium guajava* L. (goiaba) que alcançou 0,45, a *Mangifera indica* L (manga) com 0,43, a *Annona squamosa* L. (pinha) 0,35 e *Citrus aurantium* L. (laranja) apresentou 0,32. Amaral et al. (2017) destacaram a importância das famílias as plantas alimentares cultivadas em quintais para alimentação, de maneira especial a acerola (*Malpighia glabra*), goiabeira (*Psidium guajava*), laranjeira (*Citrus aurantium*) e a mangueira (*Mangifera indica*), espécies amplamente mencionadas, encontradas em mais de 40% dos quintais pesquisados e com uma concordância quanto ao uso alimentar de 80%. A maior parte dessas plantas têm maior frequência nos quintais estudados por terem um ciclo de cultivo relativamente curto. Sobretudo pela sua facilidade de cultivo, boa adaptação às características climáticas da região e importância na dieta alimentar (SOUSA et al., 2014; AMORIM, 2015). Das 10 espécies com maior VU, sete delas são de origem exóticas e três é nativa. O Valor de Uso revelou que das dez espécies com maiores valores, nove são classificadas como alimentícia, sendo que a acerola (*Malpighia glabra* L.), a laranja (*Citrus aurantium* L.), coco ou coqueiro (*Cocos nucifera* L.) são utilizadas em mais de uma categoria de uso.

Todas as comunidades apresentaram altos valores de diversidade, mas as comunidades Paus Altos ( $H' = 4,52$ ) e Vila Nova dos Porções ( $H' = 4,34$ ) se destacaram, para a comunidade Pedra da Preta o valor foi de ( $H' = 3,98$ ). Esses altos índices de diversidade podem sugerir que a população tem utilizado grande parte da diversidade local. Esses dados comprovam a tese de que um local com alta riqueza vegetal terá uma elevada diversidade, uma vez que, Paus Altos e Vila Nova dos Porções, apresenta maior riqueza (127 e 107 espécies, respectivamente). Sendo estes quintais são capazes de garantir a

segurança alimentar e nutricional das famílias presentes (COSTA et al., 2017). A alta diversidade dos recursos vegetais comprovadas nos quintais estudados representa um verdadeiro banco de germoplasma como fonte de sustentabilidade ambiental local (DAVID; PASA, 2015). Os quintais dessas 3 comunidades estudadas, são de grande importância como campo de socialização rural, palco de cultivo de tradições culturais, produção de conhecimento e como meio de proteção da biodiversidade.

## CONCLUSÃO

Nossos resultados apontam a interação do homem com as plantas e seus usos tradicionais, destacando o uso e as informações obtidas a respeito das plantas úteis e de fácil acesso. Por outro lado, sugere-se que as Universidades na área de Ciências Humanas realizarem pesquisas no âmbito social e antropológico para registrar mais conhecimento destes povos devido à grande diversidade cultural que existe na região. Além disso, preparar órgãos de meio ambiente, ONGs e as prefeituras a centrarem esforços para mapearem a cultura e conhecimento popular destes povos no que se trata na utilização dos recursos vegetais e a criação de estratégias de plano de ação efetivo para a conservação ambiental e gestão do patrimônio botânico e dos conhecimentos gerados localmente.

Conclui-se, que essas comunidades detêm expressivo conhecimento popular local, e o registro das informações sobre as finalidades das espécies vegetais utilizadas por esses moradores, contribuem para fortalecer Etnoconhecimento botânico local e pode auxiliar na gestão desses recursos e ser uma ferramenta importante de ações sustentáveis desses recursos e da cultura no extremo norte mineiro. Entretanto, embora apresentem enorme importância ecológica local, pouco se sabe sobre a composição, riqueza e diversidade de espécies úteis em quintais e principalmente a Ecologia Humana dessas comunidades rurais situadas no Semiárido Mineiro tornando evidente a necessidade de ações conjuntas para mapear esses saberes. Evidenciando a relevância da aplicação de pesquisas na área de Etnobotânica, sobretudo para as ações de conservação, manejo e tomada de decisões no que concerne às complexas situacionalidades que envolve a relação de seres humanos com os ecossistemas, com a natureza, na atualidade, atuando na pesquisa e desenvolvimento na interface natureza e cultura dos povos do Sertão Mineiro.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U.P., ANDRADE, L.H.C. 2002. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Revista Interciência**, v. 27, n. 7, p. 336-346.2022.

ALBUQUERQUE, U.P.; CAVALCANTI, L.H., CABALLERO, J. Structure and Floristics of Homegardens in Northeastern Brazil. **Journal of Arid Enviroments**, v. 62, n. 3, p. 491-506. 2005.

ALTIERI, M.A. **Agroecology: the scientific basis of alternative agriculture**. 2ª ed. Boulder: Westview Press, 1987. 446p.

ALMEIDA, L. S.; GAMA, J. R. V. Quintais agroflorestais: estrutura, composição florística e aspectos socioambientais em área de assentamento rural na Amazônia Brasileira. **Revista Ciência Florestal**, v. 24, n. 4, p. 1037-1048. 2014.

ALMEIDA, S. E.; PASA, M. C.; GUARIM, V. L. M. "Uso da biodiversidade em quintais de comunidades tradicionais da Baía de Chacorore, Barão de Melgaço, Mato Grosso, Brasil". **Biodiversidade**, v. 13, n.1, p.141-155. 2014.

AMARAL, C. N.; SOUZA, G. C.; RITTER, M. R.; LOBORUK, N.; MELO, R. S. P. Contribuição dos quintais na conservação do cerrado e da agrobiodiversidade: um estudo dos quintais tradicionais da Baixada Cuiabana. **Amazônica Revista de Antropologia**, Belém, v. 9, n. 1, p. 294-314. 2017.

AMORIM, A. N. **Quintais urbanos em Teresina: cultivo de espécies úteis e apego ao lugar**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

APG IV. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 181, p. 1-20. 2016.

BADKE, M. R., BUDÓ, M. L. D., SILVA, F. M., RESSEL, L. B. Plantas medicinais: o saber sustentado na prática do cotidiano popular. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 15, n. 1, p. 132-139. 2011.

BARRETO, M. R.; SPANHOLI, M. L. Estudo etnobotânico em comunidades rurais de Sinop, Mato Grosso, Brasil. **Interações**, v. 20, n. 1, p. 267-282. 2019.

BEGOSSI, A.; LEITÃO-FILHO, H. E.; RICHERSON, P. I. Plant uses in a Brazilian coastal fishing Community (Buzios Island). **Journal of Ethnobiology**, v. 13, p. 233-256. 1993.

BEGOSSI, A. Use of ecological methods in ethnobotany: diversity in dices. **Economic Botany**, v. 50, n. 3, p. 280-289. 1996.

Wesley Alves SILVA; Carlos Alberto Batista dos SANTOS; Wbaneide Martins de ANDRADE. DIVERSIDADE FLORÍSTICA E TRANSMISSÃO CULTURAL DO CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO EM QUINTAIS DE COMUNIDADES RURAIS NO MUNICÍPIO DE JANAÚBA, MINAS GERAIS, BRASIL. **Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. JANEIRO-FEVEREIRO-MARÇO/2023. Ed. 40. V. 01. Págs. 136-163. ISSN: 2526-4281** <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br).

BERNARD, H. R. **Research methods in cultural anthropology**. Newbury Park, CA: Sage Publ, p. 520, 1988.

BRANDÃO, M. Caatinga. In: MENDONÇA, M.P. & LINS, L.V. (orgs.) Lista vermelha das espécies ameaçadas de extinção da flora de Minas Gerais. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas/ Fundação Zoo-Botânica de Belo Horizonte, p. 75-85, 2000.

BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde. Ministério da Saúde. Resolução nº 196/96**. Sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, p. 24, 1996.

CAVALCANTE, A. C. P.; SILVA, A. G. Levantamento etnobotânica e utilização de plantas medicinais na comunidade Moura, Bananeiras-PB. **Revista Monografias Ambientais-REMOA**, v.14, n. 2, p. 3225-3230. 2014.

CAVALLI-SFORZA; FELDMAN, M. W. **Cultural Transmission and Evolution: A Quantitative Approach**. Princeton: Princeton University Press, N. J., v. 16, p. 1-388, 1981.

CHAVES, A. S.; ZANIN, E. M. Etnobotânica em comunidades rurais de origem italiana e polonesa do município de Erechim/Rs. **Perspectiva (Erechim)**, v. 36, n. 133, p.95-113. 2012.

COSTA, G. C.; MOURA, N. D. S.; FARIAS, A. K.; ALHO, E. A., JUCOSKI, G. de O. Caracterização socioeconômica e levantamento de espécies vegetais em quintais agroflorestais da zona rural do município de Parauapebas, Pará. **Agroecossistemas**, v. 9, n. 1, p. 199 – 211. 2017.

CRONQUIST, A. **An integrated system of classification of flowering plants**. New York, Columbia University Press, p. 1262, 1981.

CULTRERA, M.; AMOROZO, M. C. M.; FERREIRA, F. C. Agricultura urbana e conservação da agrobiodiversidade: um estudo de caso em Mato Grosso, Brasil. **Sitientibus, série Ciências Biológicas**, Feira de Santana, v.12, n. 2, p. 323-332. 2012.

DAS, T.; DAS, A. K.; "Conservation of Plant Diversity in Rural Homegardens with Cultural and Geographical Variation in Three Districts of Barak Valley, Northeast India". **Economic Botany**, v. 69, n. 1 p. 57-71. 2015.

DAVID, M. de; PASA, M. C. As plantas medicinais e a etnobotânica em Várzea Grande, MT, Brasil. **INTERAÇÕES**, v. 16, n. 1, p. 97-108. 2015.

DUQUE-BRASIL, R.; SOLDATI, G. T.; COSTA, F. V.; MARCATTI, A. A.; REIS JR, R. & COELHO, F. M. G. Riqueza de plantas e estrutura de quintais familiares no semiárido norte mineiro. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 5, n. 2, p. 864–866. 2007.

DUQUE-BRASIL, R., SOLDATI, G. T., ESPÍRITO-SANTO, M. M., REZENDE, M. Q., D'ÂNGELO-NETO, S., Coelho F.M.G. Composição, uso e conservação de espécies

Wesley Alves SILVA; Carlos Alberto Batista dos SANTOS; Wbaneide Martins de ANDRADE. **DIVERSIDADE FLORÍSTICA E TRANSMISSÃO CULTURAL DO CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO EM QUINTAIS DE COMUNIDADES RURAIS NO MUNICÍPIO DE JANAÚBA, MINAS GERAIS, BRASIL**. *Facit Business and Technology Journal*. **QUALIS B1. JANEIRO-FEVEREIRO-MARÇO/2023**. Ed. 40. V. 01. Págs. 136-163. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br).

arbóreas em quintais de agricultores familiares na região da mata seca norte-mineira, Brasil. **Sitientibus série Ciências Biológicas**, v. 11. N. 2, p. 287–297. 2011.

FLORENTINO, A. T. N. ARAÚJO, E. de L.; ALBUQUERQUE, U. P. de. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 21, n.1, p. 37- 47. 2007.

FORZZA, R. C. et al. (coord.). **Lista das Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2020/>; acesso em 23 out. 2022.

GOODMAN, L. Snowball Sampling. **The Annals of Mathematical Statistics**, Beachwood-Ohio, v. 32, n. 1. p.148-170, 1961.

INMET\_INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA. **Banco de dados meteorológicos para ensino e pesquisa**. 2016. Disponível em: <http://www.inmet.gov.br>. Acesso em: 14/03/2022.

KREBS, C. J. **Ecological Methodology**. Harper and Row Publishers, New York, p. 654, 1989.

LIMA, I. L. P.; SCARIOT, A.; MEDEIROS, M. B.; SEVILHA, A. C. Diversidade e uso de plantas do Cerrado em comunidade de Geraizeiros no norte do estado de Minas Gerais, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 26, n. 3, p. 675-684. 2012.

LARIOS, C.; CASAS, A.; VALLEJO, M.; MORENO-CALLES, A. I.; BLANCAS, J. (2013); Plant management and biodiversity conservation in Náhuatl homegardens of the Tehuacán Valley, Mexico. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 9, n. 74, p.1-16. 2013.

LISBOA, M. D. S., PINTO, A. S., BARRETO, P. A., RAMOS, Y. J., SILVA, M. Q., CAPUTO, M. C., ALMEIDA, M. Z. D. Estudo etnobotânico em comunidade quilombola Salamina/Putumujú em Maragogipe, Bahia. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 46-61.2017.

LUNELLI, N. P. **Conhecimento e uso de espécies arbóreas por agricultores do Vale do Ribeira**. Dissertação (Mestrado Biodiversidade Vegetal e Meio Ambiente) - Instituto de Botânica da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, São Paulo, 2014.

MAIA, S. G. C.; SOBRINHO, S. B. Análise etnobotânica da estrutura de quintais na fronteira Brasil/Paraguai. **Ethnoscientia**, v. 4, n.1. 2019.

MAMEDE, J. S. dos S.; DAVID, M. de; FILHO, A. de A. T.; PASA, M. C. "Os quintais e as manifestações culturais da comunidade São Gonçalo Beira Rio, Cuiabá, MT". **Biodiversidade**, v.14, n.1, p.168-182. 2015.

MCCULLAGH, P., NELDER, J. A. **Generalized linear models**. London: ChapmanandHall, 1989.

Wesley Alves SILVA; Carlos Alberto Batista dos SANTOS; Wbaneide Martins de ANDRADE. **DIVERSIDADE FLORÍSTICA E TRANSMISSÃO CULTURAL DO CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO EM QUINTAIS DE COMUNIDADES RURAIS NO MUNICÍPIO DE JANAÚBA, MINAS GERAIS, BRASIL**. *Facit Business and Technology Journal*. QUALIS B1. JANEIRO-FEVEREIRO-MARÇO/2023. Ed. 40. V. 01. Págs. 136-163. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br).

MORGAN, D. **Focus group as qualitative research**. Qualitative Research Methods Series. 16. London: Sage Publications, 1997.

MORIN, E. **Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

NOVAIS, A. M.; NETO, G. G.; GUARIM, V. L. M. S.; PASA, M. C. Os quintais e a flora local: um estudo na comunidade Jardim Paraíso, Cáceres- MT, Brasil. **Biodiversidade**, v.10, n.1, p.3-12. 2011.

OLIVEIRA, W. A. **Os recursos vegetais e o saber local nos quintais da comunidade de Santo Antônio do Caramujo, Cáceres, Mato Grosso, Brasil**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.

PEREIRA, L. G.; VIEIRA, F. J.; ALENCAR, N. L.; CARVALHO, F. P. A. de; BARROS, R. F. M. de. Diversidade florística em quintais do Nordeste brasileiro: um estudo etnobotânico em comunidades rurais em Monsenhor Gil/PI. **Revista Espacios**, v. 37 n. 20. 2016.

PEREIRA, L. S.; SOLDATI, G. T.; TEIXEIRA, R. D. B. L; COELHO, F. M. G.; SCHAEFER, C. E. G. R. Agrobiodiversidade em quintais como estratégia para soberania alimentar no Semiárido Norte Mineiro. **Ethnoscintia**, v. 2, n. 1. 2017.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses test with new quantitative technique. **Economic Botany**, v. 47, n. 1, p.15-32. 1993.

POORTER, M.; ZILLER, S. R. Biological contamination in protected areas: the need to act and turn the tide of invasive alien species. *In*: Milano MS, Takahashi LY & Nunes ML (eds.) **Unidades de conservação: atualidades e tendências**. Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Curitiba, p. 118-131, 2004.

R CORE TEAM, R: **A Language and Environment for Statistical Computing**. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing, R Foundation for Statistical Computing, 2020.

RANIERI, G. R., ZANIRATO, S. H. Conhecimento etnobotânico como patrimônio: os quintais urbanos nas pequenas cidades do Vale Histórico Paulista. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 49, p. 183-199. 2018.

RAMOS, J.P.F. **Crescimento vegetativo e rendimento forrageiro em função do manejo de colheita e da adubação orgânica de palma forrageira**. Dissertação (Mestrado em Zootecnia), Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2012.

ROSSATO, S. C.; LEITÃO-FILHO, H. F.; BEGOSSI, A. Ethnobotany of caíçaras of the Atlantic Forest Coast (Brazil). **Economic Botany**, v. 53, n. 4, p. 387-395, 1999.

Wesley Alves SILVA; Carlos Alberto Batista dos SANTOS; Wbaneide Martins de ANDRADE. **DIVERSIDADE FLORÍSTICA E TRANSMISSÃO CULTURAL DO CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO EM QUINTAIS DE COMUNIDADES RURAIS NO MUNICÍPIO DE JANAÚBA, MINAS GERAIS, BRASIL**. *Facit Business and Technology Journal*. QUALIS B1. JANEIRO-FEVEREIRO-MARÇO/2023. Ed. 40. V. 01. Págs. 136-163. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br).

SANTOS, R. M. dos; OLIVEIRA-FILHO, A. T.; EISENLOHR, P. V.; QUEIROZ, L. P.; CARDOSO, D. B. O. S.; RODAL, M. J. N. Identity and relationships of the Arboreal Caatinga among other floristic units of seasonally dry tropical forests (SDTFs) of north-eastern and Central Brazil. **Ecology and Evolution**, v. 2, p. 409-428. 2012.

SOUZA, K.A.; BOTINI, N.; ANTONIAZZI, C. A.; CHAVES, C. F.; AÑEZ, R. B. Estudo etnobotânico do falso barbatimão (*Dimorphandra mollis* Benth, Leguminosae Caesalpinoideae) na comunidade de Salobra Grande, Porto Estrela, MT. **Biodiversidade**, v. 14, nº 2, p. 106-115, 2015.

SILVA, W. A.; FAGUNDES, N. C. A.; COUTINHO, C. A.; SOARES, A. C. M.; CAMPOS, P. V.; FIGUEIREDO, L. S. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de São João da Ponte - MG. **Revista de Biologia e Farmácia – Biofar**, v. 7, n. 1, p. 122-131. 2012.

SILVA, R. M.; FARIA, M. T. Caracterização etnobotânica e histoquímica de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do Bairro Carrilho, Goianésia (GO). **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v. 10, n. 19. 2014.

SOMARRIBA, E.; CERDA, R.; OROZCO, L.; CIFUENTES, M.; DÁVILA, H.; ESPIN, T.; MAVISOY, H.; ÁVILA, G.; ALVARADO, E.; POVEDA, V.; ASTORGA, C.; SAY, E.; DEHEUELS, O. Carbon stocks and cocoa yields in agroforestry systems of Central America. **Agriculture Ecosystems Environment**, v.173, p. 46–57. 2013.

SOUSA, D. A.; OLIVEIRA, A. de A.; CONCEIÇÃO, G. M. da. Agrobiodiversidade em quintais familiares no município de Caxias, Maranhão. Goiânia. **Enciclopedia Biosfera**, v. 10, n. 18, p.3129-3139. 2014.

SANTOS, L. da S. do N., SALLES, M. G. F., PINTO, C. de M., PINTO, O. R. de O., RODRIGUES, I. C. S. O saber etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade da brenha, Redenção, CE. **AGRARIAN ACADEMY**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v. 5, n. 9. 2018.

WELLER, S. C.; ROMNEY, A. K. **Systematic data collection**. London, Sage Publications, v. 10, 1988.